

A CIDADE EM JOGO: PRÁTICAS TORCEDORAS, UTOPIAS DISCIPLINARES E TRANSFORMAÇÃO URBANA EM SÃO PAULO (1900-1930)

Micael Lazaro Zaramella Guimarães¹

Resumo:

Este artigo pretende estabelecer relações entre a formação do ambiente futebolístico em São Paulo e as transformações urbanas ocorridas na cidade no início do século XX, pensando a construção de praças desportivas enquanto produto de disputas nas quais as inéditas práticas torcedoras inscreviam-se enquanto agentes ativos.

Palavras chave: Futebol; São Paulo; estudos urbanos.

Abstract:

This paper intends to establish relationships between the soccer environment formation in São Paulo and the urban transformations that took place in the city at the beginning of the 20th century. We will be considering the construction of playing fields as a product of disputes in which the supporters' unprecedented practices were inscribed as active agents.

Keywords: Football; São Paulo; urban studies.

¹ Mestre em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: <micael.zaramella@gmail.com>

As relações entre a transformação urbana da cidade de São Paulo no começo do século XX e o surgimento de imaginários de modernidade e seus signos, neste espaço e em relação a este processo, configuram um objeto frequentemente abordado por historiadores e pesquisadores interessados na temática da cidade. Manifestam-se em estudos atentos à arquitetura e urbanização, à reconfiguração de espaços comuns pelo poder público, aos novos padrões de ocupação e produção do espaço, às relações e tensões entre grupos sociais distintos também reconfigurados na nova paisagem urbana que habitam, e à produção cultural e reflexão intelectual sobre o processo.

Embora presentes e comentadas em alguns destes estudos, as práticas esportivas na metrópole em formação frequentemente aparecem apenas como signos da modernidade e seus impulsos, exemplificando a relação destes imaginários com a dimensão corporal no espaço urbano. Neste texto, objetivamos aprofundar alguns tópicos desta relação, discutindo o campo desportivo na cidade de São Paulo, no começo do século XX, enquanto uma arena de disputa da cidade que se manifestava a partir da disciplinarização de corpos e sua subversão pela formação de comportamentos torcedores que escapavam às normas estabelecidas.

Nas primeiras décadas do século XX, um acelerado processo de urbanização ocorreu na cidade de São Paulo, vinculado à industrialização impulsionada pelo excedente capitalista das atividades

cafeicultoras², e acompanhado por um crescimento significativo do número de habitantes da cidade: de acordo com Cristina Campos, o aumento populacional da capital paulista neste contexto era superior a 142%, ao passo que outras capitais do país cresciam, em média, 61%³. O crescimento industrial, por sua vez, era igualmente notável: em 1907 a produção fabril da cidade correspondia a 16% de toda a produção nacional, e em 1919, já passava a representar 31,5%⁴, demonstrando a consolidação de São Paulo como importante polo industrial nacional.

A atração exercida por este processo de industrialização se apresentava como uma das causas do crescimento populacional, destacando-se particularmente a ampla presença de imigrantes instalados na cidade, que logo passaram a compor de forma majoritária a mão de obra empregada nas fábricas. A massiva presença de italianos, que correspondiam a 81% do operariado industrial paulista em 1900⁵, convivia com imigrantes oriundos de outras nacionalidades – a princípio europeias, mas posteriormente também asiáticas – atraídos intencionalmente através de uma densa estratégia de propaganda promovida pelo governo brasileiro desde 1870. Além de tais grupos, considerados “desejáveis” dentro da política de branqueamento que se operava entrelaçada aos debates das elites sobre imigração, etnicidade

² MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2010, p. 248.

³ CAMPOS, Cristina Hiebling. *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Editora Pontes, 1988, p. 27.

⁴ *Idem*.

⁵ MARTINS, *op. cit.*, p. 255.

e identidade nacional⁶, também habitava a capital paulistana amplo contingente de brasileiros de ascendência africana, indígena, portuguesa e mestiça⁷. A interação entre estes variados grupos populacionais era complexa, atravessando-se com alguma frequência por conflitos étnicos, raciais e de classe. O historiador Jeffrey Lesser destaca que, no contexto, uma experiência vivenciada pelos imigrantes assentados em São Paulo era a

[...] discriminação social, cultural e racial, o que levou muitos a tentarem se apartar dos afro-brasileiros com quem compartilhavam ambientes de trabalho, moradia e convívio social. Os imigrantes europeus temiam ser colocados na categoria racial de não brancos e, com frequência, tratavam com desrespeito os afro-brasileiros, atitude essa de que os negros se ressentiam⁸.

Tais tensões, visíveis nas interações entre os diferentes grupos, são discutidas por Nicolau Sevcenko enquanto resultantes de uma “disposição de estranhamento intrínseca ao processo de metropolização”⁹, marcada pelas dinâmicas próprias do cotidiano paulistano em transformação e externalizada em comportamentos específicos e inéditos, bem como no choque entre indivíduos, grupos e condições sociais. O autor ressalta que

⁶ LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. Tradução de Patrícia de Queiroz de Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 23-24.

⁷ SANTOS, Carlos José Ferreira. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)*. 4ª edição. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2017, p. 38-39.

⁸ LESSER, *op. cit.*, p. 133-134.

⁹ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 30-31.

[...] de tal modo o estranhamento se impunha e era difuso, que envolvia a própria identidade da cidade. Afinal, São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros [...]. Essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados¹⁰.

Tal interpretação, focada no estranhamento deflagrado pela metropolização, se aproxima das reflexões apresentadas em 1903 por Georg Simmel sobre as ditas cidades *modernas*: para Sevcenko, os novos fluxos, movimentos e ritmos que se estabeleciam de forma súbita na vida urbana da capital paulistana – relatadas de maneira muito aguçada por memorialistas e cronistas da época¹¹ – promoviam na subjetividade de seus habitantes um “grave mal-estar, ademais de uma terrível instabilidade”¹², aproximando-se das alterações psicológicas que Simmel nomeou enquanto *intensificação da vida nervosa*, identificada nas grandes cidades por conta da “mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores”¹³. Para Simmel, a cidade moderna seria o ambiente onde conviviam simultaneamente as experiências de uma proximidade física (a cidade como lugar das multidões) e uma distância espiritual (a condição do anonimato e a quebra de laços tradicionais causando certo isolamento), resultando na

¹⁰ *Idem*, p. 31.

¹¹ Entre outros, são dignos de nota os relatos de Jorge Americano, que destacam sua percepção da transformação da paisagem urbana, das relações sociais e do ritmo de vida da cidade. Ver AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo* (1895-1915). 2ª edição. São Paulo: Carrenho Editorial/Narrativa Um/Carbono 14, 2004.

¹² SEVCENKO, *op. cit.*

¹³ SIMMEL, Georg. “As grandes cidades e a vida do espírito” (1903). *Maná*, Rio de Janeiro, n. 11, v. 2, 2005, p. 578.

produção de indivíduos que lutavam para se proteger do “desenraizamento”¹⁴.

Acresciam-se ainda, junto ao estranhamento deflagrado pela metropolização e a luta contra o desenraizamento que atravessava as práticas dos habitantes da cidade de São Paulo, as formas institucionais de discriminação exercidas pelo Estado. Sevcenko menciona, por exemplo, as enchentes ocorridas na cidade em 1919 e o descaso das autoridades em relação aos flagelados, em sua maioria habitantes dos bairros mais humildes. A variada população de tais zonas – formada por italianos, espanhóis, portugueses, eslavos, alemães, árabes, israelitas, afro-brasileiros e mestiços – era tratada com uma “atitude discriminatória, peremptória, brutal das autoridades, conferindo às relações hierárquicas um acento lancinante, quando não atroz”¹⁵.

Como resposta às necessidades provenientes deste cenário de desigualdade, discriminação e tensão social, diversas associações organizadas pelos próprios habitantes da cidade começaram a proliferar, especialmente entre os grupos economicamente mais vulneráveis. Estas organizações, primordialmente organizadas a partir de critérios como a etnicidade e/ou o ofício, “primavam pela preocupação em oferecer socorro aos necessitados”¹⁶, centrando-se em iniciativas de ajuda mútua e, progressivamente, expandindo sua atuação

¹⁴ *Idem.*

¹⁵ SEVCENKO, *op. cit.*

¹⁶ VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. Experiências da prática associativa no Brasil (1860-1880). *Topoi*, v. 9, n. 16, jan-jun. 2008, p. 121.

com a incorporação de preocupações com o lazer e o tempo livre dos trabalhadores¹⁷.

Simultaneamente, o duro regime de trabalho imposto ao operariado – que chegava a alcançar 14 horas diárias em algumas fábricas¹⁸ sob condições inseguras e de baixa remuneração – propiciou, a produção de “uma variedade de percepções de mundo e da exploração”¹⁹ pela diversificada classe trabalhadora paulistana, progressivamente agenciadas na elaboração de formas de organização coletiva que colocavam em contato suas experiências comuns. Tais iniciativas associativas, além de se apresentarem enquanto respostas às necessidades materiais próprias do contexto, também conformavam aquilo que Margareth Rago nomeou enquanto “lutas miúdas”²⁰: resistências construídas pelas camadas populares em seu cotidiano em contraponto aos ímpetos disciplinares do poder institucional, que identificavam suas práticas como “indícios de uma anormalidade social”²¹. De acordo com Rago, estes ímpetos se manifestavam na imposição vertical de um circuito de medidas que objetivavam “formar o novo proletariado impondo-lhe uma identidade moralizada”²², de

¹⁷ TRENTO, Angelo. Organização operária e organização do tempo livre entre os imigrantes italianos em São Paulo (1889-1945). In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010, p. 242.

¹⁸ VARGAS, Maria Thereza. *Teatro operário na cidade de São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/IDART, 1978, p. 29.

¹⁹ CAMPOS, Cristina Hiebling. *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Editora Pontes, 1988, p. 37.

²⁰ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista (Brasil, 1890-1930)*. 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 44.

²¹ *Idem*, p. 24.

²² *Idem*, p. 33.

acordo com as *utopias disciplinares* almeçadas pelas elites, às quais se contrapunham insistentemente as identidades afirmadas e elaboradas pelas classes pobres “a partir dos sistemas de representações, dos valores e das crenças que lhe são próprios”²³.

De tal modo, o associativismo popular apresentava-se enquanto uma importante iniciativa de agrupamento comunitário, atuando tanto como espaço de elaboração e afirmação de identidades confrontadas pelos imaginários e práticas do poder institucional das elites paulistanas, quanto como referência de apoio no cenário de “desenraizamento” deflagrado pela metropolização da cidade e intensificado pela composição diversificada da população. Entre as atividades voltadas ao tempo livre operário, que se organizavam no seio desta cultura autônoma, destacavam-se as encenações teatrais e a realização de piqueniques²⁴, bem como, progressivamente, a prática do futebol, esporte que se popularizava na capital paulistana na primeira década do século XX de forma ampla e diversificada. Entre as classes populares, a atividade futebolística foi assimilada através da formação de times de bairro e pelas associações de caráter étnico, dando origem a uma ampla variedade de clubes vinculados às diversas coletividades imigrantes estabelecidas na cidade²⁵.

As associações classistas de orientação anarquista ou socialista, por sua vez, a princípio identificavam o futebol enquanto uma distração

²³ *Idem*, p. 32.

²⁴ TRENTO, *op. cit.*, p. 248.

²⁵ SALUN, Alfredo Oscar. *Corinthians e Palestra Itália: futebol em terras bandeirantes*. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2015, p. 17.

burguesa ou um mero instrumento de controle e alienação, rechaçando sua prática até princípios da década de 20, quando se organizaram as primeiras partidas em festivais proletários²⁶ e a militância organizada passou a estimular a formação de equipes, bem como a politização dos já existentes times de futebol de fábrica²⁷. De acordo com Fátima Antunes, a interação entre a militância libertária e o esporte se transferiu de um negação inicial à sua incorporação enquanto estratégia de aproximação dos operários, “na medida em que a difusão do futebol [...] se subordinasse à eficácia da pregação libertária”²⁸. Ao longo da década de 20, inclusive, chegaria a ser estruturado um programa de “proletarização do esporte” por militantes socialistas, conforme demonstrado em documentação recuperada por Maria Auxiliadora Decca²⁹.

De tal modo, ao longo das primeiras décadas do século XX verificava-se uma progressiva apropriação da prática futebolística pelos segmentos populares da cidade, em contraposição às esferas do chamado “futebol oficial”³⁰, correspondente às ligas e campeonatos organizados pelos clubes da elite paulistana que monopolizavam a prática do esporte na cidade desde fins do século XIX. A introdução do

²⁶ FOOT HARDMAN, Francisco. *Nem pátria nem patrão!:* vida operária e cultura anarquista no Brasil. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 39.

²⁷ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo.* Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992, p. 186.

²⁸ *Idem*, p. 42-43.

²⁹ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas:* cotidiano operário em São Paulo (1920-1934). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 121-122

³⁰ STREAPCO, João Paulo França. *Cego é aquele que só vê a bola:* o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, p. 25.

futebol em São Paulo, em si, é comumente interpretada com “mais uma das modernidades a serem incorporadas”³¹ no contexto de metropolização da cidade. De acordo com Edivaldo Gois Júnior, a associação estabelecida entre esporte e modernidade em São Paulo decorria de uma importação, ainda que inevitavelmente ressignificada:

No campo da cultura, uma das manifestações da vida europeia, qual seja, o “ser esportivo”, invade as principais cidades brasileiras como tradução de um “habitus” ligado à modernidade. Logicamente, essa influência não foi mecânica, pois sofreu resistências, já que por aqui existiam especificidades que produziam em termos simbólicos novas representações³².

Ao mesmo tempo, entre os distintos significados tecidos em torno das variadas práticas esportivas, João Paulo Streapco comenta o futebol na cidade, a partir da década de 1910, enquanto um símbolo acessível de modernidade, “um modo de representação da existência negada em outros campos sociais, algo como o tempo da exceção, o tempo fora do dia a dia marcado pelo trabalho e pelas relações e regras do tempo comum”³³. Parte significativa dos desdobramentos culturais da nova realidade urbana que se estabelecia vinculava-se ao imaginário compartilhado (ainda que polissêmico) de modernidade. Sevcenko aponta, por exemplo, a ascensão de

³¹ MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Histórias do futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010, p. 14.

³² GOIS JÚNIOR, Edivaldo. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 19, n. 04, out/dez 2013, p. 100.

³³ STREAPCO, *op. cit.*, p. 53.

[...] uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural, como a fonte de uma nova identidade e de um novo estilo de vida. Seu público é composto maciçamente dos que então passam a ser chamados, exatamente por serem adeptos dessas práticas e dessa mentalidade, os “jovens”, expressão que adquire uma conotação toda especial e uma carga prodigiosa de prestígio. Os “clubs” que centralizam essas atividades surgem como modelos da elite, mas, na década de 20, já estão difundidos pelos bairros, periferias, várzeas e se tornam um desdobramento natural das próprias uniões operárias³⁴.

Neste cenário se dava, portanto, a expansão da prática futebolística entre distintas classes sociais, ressaltando-se, entretanto, a ocupação segregada dos espaços da cidade – cuja paisagem também se transformava no período – por estes distintos grupos. De acordo com Strepaco, o primeiro campo de futebol da cidade localizava-se na Chácara Dulley, frequentada por Charles Miller e outros indivíduos da comunidade britânica em São Paulo para a prática esportiva. Foi a partir da convivência dos jogadores que lá se reuniam que surgiu a Liga Paulista de Futebol (LPF), criada em 1902 e “formada apenas por equipes de jovens burgueses de origem estrangeira ou nacional”³⁵. A LPF, responsável pela organização do Campeonato Paulista de Futebol, passou a representar o chamado “futebol oficial” na cidade, integrado por agremiações filiadas à liga (nesta época, exclusivamente clubes de elite). Nos primeiros anos da década de 1900, no entanto, a urbanização da região (atual bairro do Bom Retiro) levou ao desaparecimento da chácara, e o conjunto de equipes de elite que lá disputavam suas partidas

³⁴ *Idem.*

³⁵ *Idem*, p. 25.

passou a se reunir no Velódromo Paulista, praça desportiva construída pela tradicional família Prado na região da Consolação (onde atualmente se localiza a Praça Roosevelt)³⁶.

As equipes de futebol formadas entre os segmentos populares da cidade, por sua vez, “se articulavam na Várzea do Carmo, formando novos times que deram origem ao futebol não oficial, também conhecido como varzeano ou de várzea”³⁷. Nestes espaços, inúmeras equipes surgiam e desapareciam, configurando uma existência efêmera que se circunscrevia às possibilidades de sua informalidade. Situadas às margens do “futebol oficial” da LPF, geograficamente ocupavam espaços igualmente marginais da cidade, como as referidas várzeas de rios e outras brechas provisórias escamoteadas pelas reformas urbanas que se operavam em São Paulo.

Tais reformas vinham sendo discutidas e realizadas pela elite dirigente da cidade desde a virada do século XIX para o século XX, orientadas por modernas referências urbanas europeias. De acordo com Hugo Segawa, a produção dos variados projetos de remodelação da paisagem urbana no contexto se orientava por um ideal de modernidade marcado pela suntuosidade como signo, opondo-se ao “colonial arcaico e simples”³⁸. O autor recupera trechos de um discurso do engenheiro Alexandre de Albuquerque, que integrava o escritório de Ramos de Azevedo, justificando seu projeto para remodelar a cidade “[...]”

³⁶ SALUN, *op. cit.*, p. 20.

³⁷ STREAPCO, *op. cit.*, p. 25.

³⁸ SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. 2ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, p. 37.

demolindo, e, nas ruínas, erguendo uma nova cidade digna dos progressos do século”³⁹. Eram projetos que se centravam, portanto, em uma ideia de “novo”, oposta àquilo que se considerava “arcaico” na paisagem da cidade, aludindo às grandes reformas urbanas ocorridas na Europa desde meados do século XIX.

A principal referência deste novo imaginário urbanístico, sabidamente, eram as obras operadas pela administração do Barão de Haussmann (1853-1870) em Paris. De acordo com Marshall Berman, tais intervenções foram “altamente revolucionárias para a vida urbana do século XIX”, na medida em que implantavam “uma vasta rede de bulevares no coração da cidade medieval”⁴⁰. David Harvey aponta que “o espaço urbano era visto e tratado como uma totalidade na qual diferentes bairros da cidade e diferentes funções eram colocados em relação para que se formasse um todo funcional”⁴¹. A Paris reconfigurada de Haussmann impunha-se como modelo de cidade moderna, reelaborando seu espaço físico a partir de um projeto racional, e propiciando o surgimento de novos comportamentos humanos e sociais.

Entretanto, se tal operação transformadora se estabeleceria como referência de um urbanismo moderno e ecoava em São Paulo na virada do século XIX para o XX, Segawa destaca que na capital paulista

³⁹ ALBUQUERQUE apud SEGAWA, *op. cit.*, p. 16.

⁴⁰ BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 180.

⁴¹ HARVEY, David. *Paris, capital da modernidade*. Trad. Magna Lopes. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 153.

[...] esse encantamento reformador não acontecia apenas pelo suposto idealismo de uma vontade de equiparação em matéria urbanística às grandes capitais “civilizadas”, tampouco pelo entusiasmo por uma cultura urbanística referenciada no surgimento de um debate dessa natureza na Europa e nos Estados Unidos. O resultado mais sedutor e prático em todo o processo era a perspectiva de diversificação e aplicação de capitais num âmbito inédito⁴².

Para Segawa, portanto, a oportunidade assinalada pela coordenação de investimentos públicos em obras na cidade, favorecendo atividades capitalistas e interesses privados, orientou centralmente o processo de transfiguração da paisagem e a própria expansão urbana de São Paulo. A especulação originou bairros e loteamentos afastados, gerando “vazios que seriam preenchidos gradualmente, conforme a infra-estrutura implantada e as conveniências especulativas”⁴³, gerando um mapa urbano fragmentado, repleto de brechas entre as periferias e o centro, que favorecia os interesses especulativos.

Socialmente, por sua vez, a ocupação destes territórios se dava de forma desigual e excludente. De acordo com Raquel Rolnik, os interesses econômicos de investidores e especuladores eram centralmente contemplados no processo de criação dos marcos legais que regulavam e orientavam a transformação do espaço, estabelecendo

⁴² SEGAWA, *op. cit.*, p. 17.

⁴³ *Idem*, p. 109.

“[...] fronteiras, demarcando e dissolvendo territórios”⁴⁴, e efetivando “a emergência da segregação como elemento estruturador da cidade”⁴⁵.

As expressões desta segregação na cidade de São Paulo também se faziam presentes na esfera futebolística, manifestando-se na distinção entre um futebol “oficial” – composto pelos clubes das elites – e um “não oficial”. Tal separação não anulava, entretanto, a existência de uma tensão latente, cujas manifestações transformariam o estado das coisas: ao longo da década de 1910, novos clubes formados a partir dos segmentos médios e populares da sociedade paulistana expandiam suas fileiras de sócios com a adesão da classe trabalhadora, economicamente apta a vincular-se à vida clubística de tais agremiações. Além do Clube Atlético Ypiranga, primeiro clube de conotação popular a ascender às ligas oficiais em 1912⁴⁶, destacavam-se, particularmente, o Sport Club Corinthians Paulista, fundado em 1910 no bairro popular do Bom Retiro⁴⁷, e a Società Sportiva Palestra Italia, fundada em 1914 por “elementos da classe média, comerciantes e operários”⁴⁸ da coletividade italiana assentada em São Paulo. Com o crescimento, os dois clubes passaram a pressionar os dirigentes da LPF solicitando sua

⁴⁴ ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1997, p. 101.

⁴⁵ *Idem*, p. 28.

⁴⁶ SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 66.

⁴⁷ NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo (1910-1916)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, PUC-SP, 1992, p. 63.

⁴⁸ SALUN, *op. cit.*, p. 62.

inclusão na liga para a disputa dos campeonatos oficiais, o que se consolidaria no ano de 1917⁴⁹.

A participação destes clubes nos campeonatos oficiais, para além da transformação institucional do futebol paulistano – que passava a diversificar-se na composição de suas ligas – representava uma transformação no rito social ao qual correspondia uma partida de futebol até então. O apelo popular destas equipes convocava às partidas aquilo que os cronistas da época definiam como *assistência*: uma primeira manifestação do ato de torcer, cuja raiz era individualizada, mas que se articulava a processos de identificação e construção de identidades relativos ao próprio clube ou agremiação de preferência.

A imprensa alinhada aos grupos de elite do contexto tecia comentários particularmente críticos contra a *assistência*, sob uma perspectiva que, de acordo com Luiz Henrique Toledo, “esteve imbricada às tentativas e ao processo de distinção social atribuído ao esporte pelos estratos da elite”⁵⁰, condenando a “crescente participação extracampo das camadas populares, precocemente responsabilizadas pelo aumento das transgressões e violências”⁵¹. Toledo assinala com destaque a contundente crítica de cronistas variados, como podemos notar no testemunho de Carlos Sussekind de Mendonça, referenciado pelo autor, que afirmava em 1921:

[...] dos vinte e seis milhões que somos, tirando o número talvez otimista de um milhão que não goste ou não cuide de

⁴⁹ STREAPCO, *op. cit.*, p. 157.

⁵⁰ TOLEDO, *op. cit.*, p. 223.

⁵¹ *Idem.*

“sports”, e de três a quatro mil rapazes que o pratiquem, vinte e quatro milhões novecentos e noventa e seis mil outros constituem, apenas, uma assistência estúpida, que se entretém inutilmente com o exercício útil dos outros [...]⁵².

Questionando o sentido da assistência com base em uma perspectiva específica sobre o futebol, centrada nos “supostos desígnios saudáveis das práticas e exercícios físicos”⁵³, Mendonça a definia de forma incisiva, como “a grande multidão dos que assistem as pelejas, dos que só se incomodam do problema para a ociosidade de uma crítica rasteira, pessoal e concreta; é a leva inutilíssima dos ‘torcedores’”⁵⁴. Verificava-se com clareza, portanto, a contundência de sua perspectiva profundamente negativa à formação das torcidas, instalada em um contexto de crescente atrito entre “futebóis” distintos que coexistiam e começavam a se enredar em um mesmo campo de disputa. Por um lado, os clubes tradicionalmente vinculados à elite, e por outro, o futebol que se praticava às margens deste circuito. Sobre este segundo, Plínio José L. C. Negreiros destaca:

[...] para o olhar da imprensa paulistana, um jogo de futebol entre populares geralmente terminava em violência descabida. No fundo esta imprensa tentava provar o quanto seria perniciosa a participação popular nos esportes. Especificamente no futebol não seria saudável a introdução dessa “massa popular”, dado o seu descontrole emocional e a sua falta de “educação”⁵⁵.

⁵² MENDONÇA, 1921 apud TOLEDO, *op. cit.*, p. 224.

⁵³ TOLEDO, *op. cit.*, p. 224.

⁵⁴ MENDONÇA, *op. cit.*

⁵⁵ NEGREIROS, *op. cit.*, p. 53.

Tal crítica – voltada aos novos clubes não-vinculados à elite paulistana e seus torcedores – compunha aquilo que o historiador Marco Aurélio Lourenço identifica enquanto um amplo imaginário de “desvirtuação do futebol”, que estaria “atraindo brigas e a incitação de provocações e ofensas ao redor dos campos”⁵⁶. A aversão demonstrada por cronistas da época à *assistência* durante os jogos, portanto, era decorrente de tal imaginário, à medida em que o ato de torcer, conforme praticado pelos segmentos populares, se revelava incompatível com o imaginário sobre o esporte (e suas finalidades) próprio das elites paulistanas do contexto.

Ao mesmo tempo, a discriminação étnica e de classe não pode ser ignorada na construção e perpetuação de tal imaginário no contexto. Comentando a torcida do Palestra Italia, José Renato Araújo destaca certas particularidades da visão difundida pela imprensa sobre esta assistência:

A diferença de tratamento dado ao Palestra pela imprensa esportiva podemos atribuir às origens italianas da associação, que levava uma multidão de imigrantes italianos e seus descendentes aos jogos. Era uma invasão das classes menos abastadas de um local até então dominado pela “alta sociedade”, ocasionando um desconforto para as elites, que não estavam acostumadas a partilhar o mesmo espaço físico com as classes trabalhadoras⁵⁷.

⁵⁶ LOURENÇO, Marco Aurélio Duque. *Um rio e dois parques: a formação da rivalidade entre Corinthians e Palestra Itália durante o período de construção de seus estádios (1917-1933)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013, p. 17.

⁵⁷ ARAÚJO, José Renato de Campos. O Palestra Itália e sua trajetória: associativismo e etnicidade. *Revista Brasileira de Estudos da População*, Brasília, v. 14, n. 1/2, p. 19-50, 1997, p. 31.

A assistência massiva às partidas de clubes como o Corinthians e o Palestra Italia se estabelecia, portanto, como um fenômeno inédito, que desconcertava as estruturas de segregação vigentes no espaço urbano paulistano. Eram clubes formados entre as classes mais populares, que traziam consigo formas singulares de apreciar e vivenciar o futebol também enquanto torcedores, produzindo novos significados sobre a prática esportiva. Essas novas formas de conceber o esporte, valorizando o “incentivo e elevação da tensão e da incerteza extracampo como elementos cruciais na fruição e ampliação da emoção”⁵⁸, levavam ao surgimento de comportamentos singulares entre aqueles que acompanhavam as partidas, manifestando-se no apoio à equipe de preferência, em confusões inesperadas que se formavam, na ascensão de rivalidades⁵⁹ e na significativa ampliação numérica do público assistente durante determinadas partidas.

Certamente o exercício destas formas singulares de vivenciar o futebol passou a estabelecer uma tensão que transbordava a dimensão futebolística para ambientar-se na cidade e seus espaços. Se até então a dimensão popular do futebol restringia-se aos espaços escamoteados pelo projeto de transformação urbana vigente – as chamadas várzeas e os campos de bairro –, a participação de clubes originários destas esferas nos campeonatos oficiais, juntamente com a presença massiva de torcedores e suas práticas nos espaços construídos reservadamente

⁵⁸ TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002, p. 221.

⁵⁹ LOURENÇO, *op. cit.*, p. 15.

para o futebol elitizado, subitamente tornavam urgente remodelar esta relação.

A atuação das elites e autoridades públicas, formulando marcos legais que visavam regulamentar a prática futebolística na cidade, é um aspecto crucial destacado por João Paulo Streapco no processo de disciplinarização das práticas esportivas na cidade⁶⁰. Simultaneamente a tais determinações, espaços considerados apropriados para eventos futebolísticos começaram a ser construídos⁶¹, à medida em que as praças desportivas existentes se revelavam insuficientes para comportar numericamente a nova dinâmica futebolística da cidade. Até então, a LPF e a APEA utilizavam o Velódromo Paulistano e o Parque Antártica – equipamentos recentes, construídos na primeira década do século XX – como seus principais campos, além da Chácara da Floresta, localizada na região da Ponte Grande e construída pela Prefeitura em 1912 para concentrar práticas esportivas às margens do Rio Tietê⁶², e outras praças mais modestas, como o pátio do Colégio Mackenzie e a sede do São Paulo Athletic Club na Rua da Consolação⁶³. No entanto, estes equipamentos já não alcançavam as necessidades disputadas pelas formas de torcer que se faziam presente nas partidas.

É neste sentido que destacamos a relevância da atuação torcedora como agente de transformação dos espaços, que passaram a ser remodelados, uma vez mais, para responder às tensões que se

⁶⁰ STREAPCO, *op. cit.*, p. 25-26.

⁶¹ *Idem.*

⁶² *Idem*, p. 36.

⁶³ *Idem*, p. 24.

estabeleciam a partir da presença massiva de torcedores nas partidas: à medida em que as praças desportivas existentes já não davam mais conta das novas demandas e práticas torcedoras, no final da década de 20 iniciou-se a construção de novos estádios na cidade, vinculados a clubes de origem popular em ascensão. O Stadium Palestra Itália foi construído em uma parcela do terreno do Parque Antártica, adquirido pelo clube com auxílio de Eduardo Matarazzo, filho do industrial italiano Francisco Matarazzo⁶⁴. O Corinthians, por sua vez, iniciou quase ao mesmo tempo a construção de seu estádio no Parque São Jorge, com auxílio financeiro dos empresários Oscar Piza e Alfredo Schürig⁶⁵.

A participação destas importantes figuras do empresariado paulistano no processo nos sinaliza a realocação, para este segmento social, dos sentidos das práticas futebolísticas, sua espetacularização e ritualização na cidade, ainda que em diálogo permanente com as tensões e implicações políticas das relações estabelecidas. Os torcedores, corpos estranhos e rejeitados em sua primeira aparição, rapidamente passaram a ser assimilados nos projetos dos novos estádios, concebidos como espaços privilegiados do rito futebolístico sob uma dinâmica disciplinar, conforme proposto por Christopher Gaffney e Gilmar Mascarenhas. De acordo com estes autores,

A ritualização do espetáculo esportivo, ingrediente da modernidade urbana, não é apenas destinado às elites. [...] A

⁶⁴ LOURENÇO, *op. cit.*, p. 27.

⁶⁵ *Idem.*

formação de grandes plateias é um dado que transcende o universo específico dos esportes. Faz parte da estratégia dominante de reprodução social, do controle sobre o tempo livre do trabalhador. A festa recriada, para o ambiente urbano-industrial⁶⁶.

É notável, ainda, que tais estratégias tenham adquirido especial intensidade em São Paulo justamente na década de 20, após as grandes greves operárias ocorridas na cidade entre os anos de 1917 e 1919. De acordo com Decca,

Não há dúvida que se tentou estabelecer de inúmeras maneiras um domínio mais direto sobre a vida do operariado por parte das classes dirigentes e instituições fora dos locais de trabalho à medida que o proletariado surgia como força social importante na cidade, configurando ameaça velada ou aberta para a ordem constituída⁶⁷.

Portanto, o futebol também passava a ser manuseado pelas elites e autoridades públicas no contexto como mecanismo de controle e disciplinarização dos corpos, materializado na construção dos estádios enquanto “espaços disciplinares”⁶⁸ concebidos num esforço de contenção das subversões torcedoras populares. A principal característica desta dimensão de controle na concepção arquitetônica das novas praças desportivas manifestava-se na definição de espaços

⁶⁶ GAFFNEY, Cristopher; MASCARENHAS, Gilmar. O estádio de futebol como espaço disciplinar. In: *Anais do Seminário Internacional Michel Foucault – perspectivas*. Florianópolis, UFSC, 2004, p. 6.

⁶⁷ DECCA, *op. cit.*, p. 88.

⁶⁸ GAFFNEY; MASCARENHAS, *op. cit.*, p. 1.

torcedores que reproduziam a separação entre classes sociais⁶⁹, ao mesmo tempo em que assimilavam as distintas formas de torcer.

Compreendemos, entretanto, que a emergência desta dimensão disciplinar no rearranjo do ambiente futebolístico paulistano não indica que os segmentos populares da cidade fossem mero objeto de manipulação. Um cotejamento atento do processo histórico de popularização do futebol em São Paulo nos sugere uma interpretação mais ativa dos grupos torcedores que, neste contexto, disputavam o futebol e suas manifestações derivadas – como o próprio ato de torcer, por exemplo –, e orientavam um movimento dialógico que, na construção dos novos estádios, levou as autoridades responsáveis a contemplarem esta manifestação cultural.

Tal cotejamento, sinteticamente apresentado neste artigo⁷⁰, assinala que a concepção espacial das novas praças desportivas consistiu em um resultado pendular entre o desígnio da disciplinarização e o diálogo com formas culturais de assistência à partida de futebol consideradas, até então, inadequadas ou problemáticas: práticas que se davam no exato sentido daqueles procedimentos que Michel de Certeau identifica como “multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos”⁷¹, *táticas* populares que “escapam à

⁶⁹ STREAPCO, *op. cit.*, p. 87.

⁷⁰ Para uma abordagem mais detalhada do processo de desenvolvimento do ambiente futebolístico em São Paulo, bem como das tensões e cruzamentos entre os distintos grupos sociais que o constituíam, ver GUIMARÃES, Micael L. Z. O futebol em São Paulo (1894-1933). In: *O Palestra Italia em disputa: fascismo, antifascismo e futebol em São Paulo (1923-1945)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2021, p. 72-122.

⁷¹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (vol. I). Trad. Ephraim Ferreira Alves. 22ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 163.

disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde [esta] se exerce”⁷². De tal modo, tais práticas torcedoras constituíram a invenção de modos de vivenciar o futebol que deflagraram transformações no mesmo a partir do diálogo tensionado com suas arquiteturas e marcos disciplinadores.

A partir dos anos 1940, tal processo veio ainda a aprofundar-se com a construção de estádios monumentais por iniciativa estatal, como o Estádio do Pacaembu, e a nível nacional, o Estádio do Maracanã (no Rio de Janeiro). Nestes espaços, novas dimensões e experiências acumuladas acerca da possibilidade disciplinadora dos estádios vieram à tona, em diálogo direto com o contexto de suas construções. Tal experiência, no entanto, foge ao nosso recorte: o objetivo do presente texto foi sinalizar um primeiro exercício da tensão dialógica estabelecida entre distintos projetos e formas de experienciar o futebol na cidade moderna. Contrapostas no embate entre agentes populares e elitizados no início do século XX em São Paulo, estas formas futebolísticas, ao disputar sua experiência e fruição – bem como sua materialidade espacial –, também disputavam a cidade e os imaginários possíveis sobre sua experiência e transformação.

⁷² *Idem.*

Bibliografia:

- AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. 2ª edição. São Paulo: Carrenho Editorial/Narrativa Um/Carbono 14, 2004.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992.
- ARAÚJO, José Renato de Campos. O Palestra Itália e sua trajetória: associativismo e etnicidade. *Revista Brasileira de Estudos da População*, Brasília, v. 14, n. 1/2, p. 19-50, 1997.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BIONDI, Luigi. *Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo (1890-1920)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- CAMPOS, Cristina Hiebling. *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Editora Pontes, 1988.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer (vol. I)*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 22ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- FOOT HARDMAN, Francisco. *Nem pátria nem patrão!:* vida operária e cultura anarquista no Brasil. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* Trad. Roberto Machado. 4ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GAFFNEY, Cristopher; MASCARENHAS, Gilmar. O estádio de futebol como espaço disciplinar. In: *Anais do Seminário Internacional Michel Foucault – perspectivas.* Florianópolis, UFSC, 2004.
- GOIS JÚNIOR, Edivaldo. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. *Revista Movimento.* Porto Alegre, v. 19, n. 04, p. 95-117, out/dez 2013.
- GUIMARÃES, Micael Lazaro Zaramella. *O Palestra Italia em disputa: fascismo, antifascismo e futebol em São Paulo (1923-1945).* Dissertação de Mestrado. São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2021.
- HARVEY, David. *Paris, capital da modernidade.* Trad. Magna Lopes. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração.* Tradução de Patrícia de Queiroz de Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- LOURENÇO, Marco Aurélio Duque. *Um rio e dois parques: a formação da rivalidade entre Corinthians e Palestra Itália durante o período de construção de seus estádios (1917-1933).* Dissertação

- de Mestrado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Histórias do futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.
- MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo (1910-1916)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, PUC-SP, 1992.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista (Brasil, 1890-1930)*. 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1997.
- SALUN, Alfredo Oscar. *Corinthians e Palestra Itália: futebol em terras bandeirantes*. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2015.
- SANTOS, Carlos José Ferreira. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)*. 4ª edição. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2017.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

- SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. 2ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desatinos”. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 30-37, 1994.
- _____. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SIMMEL, Georg. “As grandes cidades e a vida do espírito” (1903). *Maná*, Rio de Janeiro, n. 11, v. 2, p. 577-591, 2005.
- STREAPCO, João Paulo França. *Cego é aquele que só vê a bola: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002.
- TRENTO, Angelo. Organização operária e organização do tempo livre entre os imigrantes italianos em São Paulo (1889-1945). In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010.
- VARGAS, Maria Thereza. *Teatro operário na cidade de São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/IDART, 1978.
- VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. Experiências da prática associativa no Brasil (1860-1880). *Topoi*, v. 9, n. 16, jan-jun. 2008.